

Um estudo em vermelho, do livro ao seriado: Uma análise da metodologia investigativa de Sherlock Holmes a partir da teoria peirciana

*A study in scarlet, from the book to the series: An
analysis of Sherlock Holmes investigative
methodology from the Peircean theory*

Rayza Santos do Nascimento e Victor Leandro da Silva*

Resumo: O presente estudo intenta averiguar como a teoria peirciana, principalmente a tricotomia dos argumentos – abdução, dedução e indução – parece ser aplicada por Sherlock Holmes na resolução dos seus casos. Apontaremos a importância do método abductivo na sua investigação e também, os diferentes recursos utilizados por ele que funcionam como uma forma de afirmar a relevância desta tríade do raciocínio lógico. Compendo o *corpus* do trabalho temos o livro “Um estudo em Vermelho”, de Conan Doyle e o capítulo “Um estudo em rosa”, da série “Sherlock” apresentada pela BBC Londres, que nos permite verificar as adaptações feitas, assim como confirmar a presença de um elemento que se perpetua, auxiliando na formulação de hipóteses: a criatividade.

Palavras-chave: Tricotomia dos argumentos. Peirce. Sherlock Holmes. Abdução. Criatividade.

* Universidade do Estado do Amazonas.

Abstract: *The present study investigates how Peirce's theory, mainly the trichotomy of the arguments - abduction, deduction and induction – seems to be applied by Sherlock Holmes in the resolution of his cases. We will point out the importance of the abductive method in his investigation, and also the different resources used by he that function as a way of affirming the relevance of this triad of logical reasoning. The corpus of the work is composed of the book “A study in scarlet”, by Conan Doyle and the chapter “A study in pink”, of the series “Sherlock” presented by the BBC London, that allows us to verify the adjustments made, as well as, to confirm the presence of an element that is perpetuated, helping in the formulation of hypotheses: the creativity.*

Keywords: *Trichotomy of the arguments. Peirce. Sherlock Holmes. Abduction. Creativity.*

Introdução

Esta pesquisa consiste em examinar o método de investigação, utilizada pelo detetive Sherlock Holmes¹, observando como sua metodologia para a resolução dos casos criminais é passível de exemplificar a tricotomia dos argumentos de Peirce. Como corpus do trabalho, será analisado o texto “Um estudo em Vermelho” (2009), de Sir Arthur Conan Doyle² – publicado originalmente em 1887, e o episódio “Um estudo em rosa”, do seriado “Sherlock” (2010), apresentado pela BBC Londres.

De acordo com Peirce (2012), os argumentos são divididos em três estágios interdependentes: retrodução ou abdução, hipóteses ou conjecturas que explicam um fato apresentado; dedução, que aponta as consequências necessárias da hipótese; e a indução, que testa as consequências a fim de chegar a uma conclusão geral. Desta forma, para responder a qualquer indagação necessitamos seguir este padrão: abdução – dedução – indução. Sabendo da importância desse processo, a pesquisa tem por interesse analisar

¹ Personagem criado por Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930) tendo como referência o Dr. Joseph Bell – mestre do Dr. Doyle – que tinha surpreendentes capacidades intuitivas. Sherlock Holmes foi apresentado pela primeira vez ao público em *A Study in Scarlet* publicado no *Beeton's Christmas Annual* de 1887, sendo, posteriormente a primeira edição em livro publicado em julho de 1888.

² Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930) nasceu em Edimburgo, na Escócia e morreu em Crowborough. Foi médico e escritor. Escreveu obras de diversos gêneros como: contos, poesias e romances, mas sua notoriedade se deu com as histórias do detetive Sherlock Holmes, sobretudo com a publicação de “Um estudo em vermelho” em 1887.

como a trama sherlockiana possibilita elucidar a tríade dos argumentos peirciano, explicando todo o processo inferencial desenvolvido pelo detetive até a resolução do crime.

Tendo em vista o reconhecimento das histórias de Conan Doyle, através de seu personagem principal Sherlock Holmes, que perdura até os dias atuais, assim como a repercussão causada pelo seriado transmitido pela BBC, o trabalho em questão demonstra relevância por analisar, de modo comparativo, os corpora selecionados, dando enfoque ao processo de construção do pensamento do detetive nesses dois cenários e, também, percebendo as contribuições que oferece para confirmar a relevância dos três estágios de investigação para a compreensão dos fenômenos.

Peirce e o estudo semiótico

Nascido em Cambridge, Massachusetts, Charles Sanders Peirce (1839-1914), ficou conhecido por ser um dos importantes fundadores da teoria semiótica. Filho de Benjamin Peirce, renomado matemático de Harvard, cresceu cercado por famosos artistas e cientistas que frequentavam sua casa (SANTAELLA, 2012). Considerado por sua família um jovem destinado a seguir a carreira da ciência química, logo cedo, demonstrou simpatia pela área, montando aos doze anos seu laboratório químico (SEBEOK, SEBEOK, 2004). Devido ao seu interesse pelos processos químicos, teve sua formação em química, pela Universidade de Harvard. Apesar de ter graduação direcionada a essa ciência, Peirce possuía conhecimentos variados, ligados à matemática, física, astronomia, geologia, linguística, filologia, história, psicologia, dentre outras, fornecendo importantes contribuições, também, a essas áreas.

O estudo dessas diversas ciências era um modo de se dedicar à lógica, sua grande paixão. Por isso, era por meio desses estudos, a partir de numerosas experiências práticas, que buscava entender os diferentes métodos de raciocínio (SANTAELLA, 2012).

Por se dedicar durante um longo período a essas ciências, que lhe renderam bastante instrução, Peirce foi considerado um verdadeiro cientista e, também, filósofo. Ainda na adolescência estudou as variadas teorias filosóficas,

principalmente a teoria kantiana, chegando a obter um profundo conhecimento sobre a “Crítica da Razão Pura” (SANTAELLA, 2012).

Com conhecimentos voltados para a área científica e filosófica, fez uma aproximação entre os dois, propondo à filosofia práticas utilizadas nas ciências como: os experimentos, hipóteses e métodos de observação. Desta forma, configurou em sua mente que a filosofia deveria trilhar os mesmos caminhos da lógica presente nos métodos científicos (SANTAELLA, 2012).

Por meio dos ensinamentos adquiridos desde a infância até a vida adulta – teoria lógica, filosófica e científica – Peirce formulou, gradativamente, a teoria geral dos signos (Semiótica), que “tem por função classificar e descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis” (SANTAELLA, 2012, p. 45).

Vejamos agora a definição deste importante elemento da teoria peirciana, o signo:

Um signo, ou *representâmen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representâmen (PEIRCE, 2012, p. 46).

Como visto, o signo é uma coisa que representa em nossa mente outra coisa, podendo ser uma palavra, uma frase, uma imagem, uma pessoa, etc. Em síntese, para Peirce, estamos rodeados por signos. A coisa representada pelo signo recebe o nome de objeto, que pode ser algo concreto ou não. É ele que determina o signo. O signo não é o objeto, ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, só pode representar esse objeto de um determinado modo e numa certa capacidade (SANTAELLA, 2012).

Recapitulando a explicação, temos que o signo representa um objeto, esta representação é dirigida a alguém, criando na mente desta pessoa um segundo signo que é denominado interpretante do primeiro signo. Portanto, todo representâmen necessita de um interpretante, pois é ele quem permite compreender o processo de representação do objeto.

Tricotomia dos signos

Conforme a teoria peirciana,

[...] os signos são divisíveis conforme três tricotomias, a primeira, conforme o signo em si mesmo for uma mera qualidade, um existente concreto ou uma lei geral; a segunda, conforme a relação do signo para com seu objeto consistir no fato de o signo ter algum caráter em si mesmo, ou manter alguma relação existencial com esse objeto ou em sua relação com um interpretante; a terceira conforme seu interpretante representá-lo como um signo de possibilidade ou como um signo de fato ou como um signo de razão. (PEIRCE, 2012, p. 51).

A primeira tricotomia é dividida em (1) qualissigno, por exemplo, uma cor ou som, sendo uma propriedade primeira da qualidade; (2) sinsigno, relacionado a uma propriedade segunda, como uma interação ou estímulo, que nos faz ter uma reação a um qualissigno; como exemplo temos o semáforo que quando se encontra vermelho nos faz ter a reação de parar; (3) legissigno, possui propriedades de terceiridade, tem um caráter de lei, regularidade; como exemplo temos a linguagem verbal. A segunda tricotomia, composta por (1) ícone, signo que possui similaridade ao seu objeto; como exemplo temos a fotografia, estátuas, filmes, etc., considerados icônicos criar, para quem a observa, o sentimento de similitude a algo; (2) índice, indica algo ao que ele está diretamente ligado; na medida em que o índice é afetado pelo objeto, possui uma qualidade em comum com ele, sendo, portanto, através desta qualidade que o índice se refere ao objeto; exemplos de índice são os rastros ou pegadas que, marcados no chão, indicam que algo passou pelo caminho deixando suas marcas; e (3) símbolo, “signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei” (PEIRCE, 2012, p. 52); o símbolo se determina por meio de convenção coletiva que passa a interpretá-lo como referente a um determinado objeto, por isso, o símbolo está no âmbito do geral e não do singular; a exemplo temos as palavras. Na terceira tricotomia temos a (1) rema, representa para o interpretante uma qualidade que poderia estar presente em algum objeto possivelmente existente; (2) proposição, signo real, segundo Santaella (2012, p. 146) “é um signo puramente referencial, reportando-se a algo existente”; e (3) argumento, para o interpretante é um signo de lei,

compreendido como uma conclusão válida de premissas pertencentes a inferências possíveis devido a um princípio guia (SANTAELLA, 2012).

Mediante tais esclarecimentos, atentemo-nos agora para a tricotomia dos argumentos, conceitos importantes para a pesquisa aqui proposta que nos possibilitará entender os estágios do raciocínio inferencial.

Abdução, dedução e indução

O argumento é dividido em três tipos: abduutivo, dedutivo e indutivo, considerados como estágios da investigação científica, a chave da lógica.

O método abduutivo (retrodução) é um processo de formulação de hipóteses que visa à explicação dos fenômenos. Das três formas de raciocínio, é o único tipo de argumento que começa uma nova ideia, sendo, por isso, denominada como argumento originário. Para Peirce (2012, p. 220) “cada um dos itens singulares da teoria científica que estão hoje formados deve-se a abdução”, ou seja, todo o nosso conhecimento, seja ele científico ou não, só é possível por meio da habilidade que temos de formular cada vez mais novas e criativas inferências que tentem explicar por meio de proposições aquilo que até então se mostrava inexplicável.

Peirce explica que essa habilidade que temos para inventar hipóteses acontece por meio de um ato instintivo que nos vem à mente como um *insight*. Santaella (2004, p.104) nos esclarece que quando Peirce utiliza o termo instinto, “queria significar a capacidade de adivinhar corretamente, escolher a explicação apropriada para um conjunto de fatos surpreendentes ou para qualquer fato isoladamente que desperte curiosidade”. Assim, em suma, temos a abdução como um raciocínio que apenas oferece sugestões, sem compromisso com a razão, sendo, portanto, conjecturas passíveis de verificação experimental para que delas possamos tirar alguma certeza.

A dedução é a que desenvolve as consequências necessárias de uma hipótese, pertence a uma classe geral de argumentos possíveis. Para Peirce (2012), esse método prova que algo deve ser, por isso possui um caráter provável devido a razões de frequência, ou seja, quando tenho uma série de fatores já confirmados como verdadeiros, uma lei geral, e ocorre o surgimento

de um novo evento que possui certas semelhanças com os já conhecidos, isso me leva a compará-los, fazendo crer que devido a suas similaridades a hipótese criada possivelmente seja, também, verdadeira; deste modo, o pensamento dedutivo se embasa em um conhecimento geral para explicar o fenômeno específico, e ao final concluir se a hipótese pode ser considerada verdadeira ou não.

A Indução tem a função de testar, experimentar uma hipótese, determinando seu valor e comprovando que alguma coisa é realmente operativa. Peirce (2012, p. 219) afirma que “a indução consiste em partir de uma teoria, dela deduzir predições de fenômenos a fim de ver *quão de perto* concordam com a teoria”, ou seja, ela avalia o nível de relação entre o fato e a teoria. Quanto mais uma hipótese passa por testes, maior probabilidade terá de seus possíveis erros serem corrigidos, assim, teremos ao final hipóteses bem sucedidas e que poderão ser fundamentadas como novos hábitos, crenças.

A partir dos conceitos apresentados acima, podemos concluir que os três estágios de inferência são essenciais tanto para a investigação científica quanto para solucionar questões do cotidiano. Sabendo disso, vejamos a seguir o modo como o detetive Sherlock Holmes parece utilizar da abdução, dedução e indução para solucionar os casos criminais.

Um estudo em vermelho

O livro “Um estudo em Vermelho” é visto como um marco do início da trajetória do famoso detetive, mundialmente reconhecido, Sherlock Holmes. Publicado em 1887, o enredo apresenta o encontro entre ele e seu amigo Dr. Watson, que juntos aventuram-se na resolução do seu primeiro caso: descobrir o motivo da morte do Sr. Drebber. Mediante este contexto, o principal objetivo da análise da trama é acompanhar o raciocínio de Sherlock para desvendar o caso que lhe fora posto.

Iniciando a leitura, encontramos uma breve narrativa da trajetória de vida de Watson e Sherlock Holmes. Este é descrito como um homem de habilidades específicas em alguns assuntos como química e anatomia, conhecimentos vistos por ele como de suma importância para auxílio em seu ofício. Ainda no

primeiro capítulo, acompanhamos sua habilidade para descobertas científicas importantes, como no caso da invenção de um reagente químico ao sangue. Durante sua explicação a Watson sobre tal façanha, fica nítida sua exaltação e noção do grande avanço de sua experimentação comparado aos métodos que existiam naquele período: teste com guáiac e o exame microscópico dos glóbulos vermelhos para a detecção de possíveis manchas de sangue. Notamos que a abertura do livro se dispõe a expor as peculiaridades que fazem de Sherlock um homem incomum no meio dos demais, demonstrando seu caráter científico, investigativo, que o leva a fazer descobertas relevantes.

No capítulo seguinte intitulado “a ciência da dedução” nos deparamos, previamente, com a teoria do sótão e o método investigativo utilizado por ele. Em uma conversa com Watson sobre o porquê possui um conhecimento vasto em algumas disciplinas e para outras nem tanto, tidas como básicas, no qual qualquer criança saberia responder, Sherlock explica:

– considero que o cérebro de um homem é originalmente como um pequeno sótão vazio, que temos de encher com os móveis que escolhemos. Um tolo recolhe todo tipo de trastes com que depara [...]. O trabalhador competente, porém, é muito cuidadoso com relação ao que leva para seu cérebro-sótão. Não guardará nada lá a não ser as ferramentas que possam ajudá-lo em seu trabalho, mas dessas tem grande sortimento, e todas na mais perfeita ordem [...]. É da maior importância, portanto, não ter fatos inúteis expulsando os úteis. (DOYLE, 2009, p.35).

Essa explicação nos ajuda a entender o modo de organização de seus pensamentos. Holmes considerava apenas os conhecimentos que pudessem colaborar com seus objetivos, ignorando os demais assuntos. Com isso, obtinha um nível de concentração e rapidez maior para conectar as informações necessárias para a resolução dos casos.

Continuando a narrativa, temos mais um fator interessante sobre a sua metodologia: a observação. Na escrita de um artigo, produzido pelo detetive a uma determinada revista da época, ele descreve uma teoria particular que explica o quanto um homem, a partir da observação, é capaz de apreender informações sobre qualquer coisa ou pessoa. Disserta que algumas expressões e olhares, dentre outros aspectos pouco notáveis, são passíveis de

profundas análises se observados atentamente, podendo transparecer os mais íntimos pensamentos, sendo praticamente impossível haver algum engano nas inferências feitas pelo observador.

Essa tendência que as pessoas têm de formular hipóteses corretas sobre o fato observado é uma abdução, descrita como um *insight* que ocorre porque “a mente do homem tem um ajustamento natural para imaginar teorias corretas de certos tipos, certo princípio de abdução, o qual coloca um limite para a hipótese admissível, uma espécie de instinto, desenvolvido no curso da evolução.” (SEBEOK; SEBEOK, 2004, p.19). Sendo assim, a abdução é algo natural e instintivo, próprio do ser humano, que nos permite fazer inferências rápidas sobre aquilo que vemos, de tal forma que muitas vezes não somos capazes de explicar quais circunstâncias nos levaram a fazer tal hipótese para o fenômeno observado.

As observações de Homes são parecidas com aquilo que Peirce chama de abdução, no entanto com uma diferença. De acordo com Sebeok e Sebeok (2004) esta observação é, na verdade, a junção entre o processo perceptivo e hipotético, utilizado pelo detetive para a construção de suas hipóteses.

Já a dedução e a indução de Holmes possuem o mesmo sentido do conceito peirciano, sendo a primeira uma inferência que elabora as consequências de uma hipótese e a segunda a experimentação que determina o valor da hipótese.

Ciente desse processo lógico, acompanharemos adiante como eles são expostos para que ao final tenhamos a solução deste caso.

No terceiro capítulo do livro, adentramos no caso. O detetive consultor é solicitado para fazer a leitura do cenário. Neste momento podemos ver de forma mais compassiva o modo como trabalha e o quão rápido e preciso é o seu raciocínio a ponto de ao final de algumas horas conseguir apresentar um parecer com detalhes que para um observador comum, como Watson e os demais investigadores, levaria mais tempo ou talvez fosse até impossível.

Diferentemente dos demais que se focam apenas no espaço em que o crime aconteceu, ou seja, na casa, Sherlock vai além, concentrando-se também nos arredores do local, tentando captar o máximo de pistas.

Ao adentrar a casa, deparando-se com o corpo, o detetive logo se dispõe a inspecioná-lo, iniciando o levantamento dos índices e fazendo suas possíveis conexões. (1) Um anel é encontrado durante a retirada do corpo levantando novas hipóteses. (2) Segundo os investigadores o anel pertenceria a uma mulher, sendo este um novo fator a ser pensado dentro do caso. (3) Os objetos encontrados no bolso do Sr. Drebber também são lidos por Holmes como indicadores de sua riqueza, podendo ser essa uma possível causa da morte. (4) As cartas, índices importantes, seriam úteis para descobrir a história da vítima. (5) Por fim, ainda é descoberto um relevante dado, a palavra “*RACHE*” escrita em letras vermelho-sangue na parede da sala. Novamente fazem a ligação deste signo a uma mulher, compreendendo que a intenção do criminoso seria a de escrever o nome feminino *RACHE(L)*, mas tal hipótese logo é contrariada pela interpretação de Sherlock que, devido seu conhecimento variado, explica que nada tem a ver com uma mulher e que se tratava de uma palavra alemã cujo significado é vingança.

Após examinar a sala nos pormenores com a ajuda apenas de uma lupa, fita métrica e seus conhecimentos particulares, ele chega às seguintes hipóteses:

- I. Trata-se de um assassinato por envenenamento.
- II. O assassino era um homem novo, media um metro e oitenta, usava botas de bico quadrado e havia fumado um charuto *Trichinopoly*, possuía, provavelmente, rosto avermelhado e unhas da mão direita de comprimento longo;
- III. O deslocamento com a vítima teria sido por meio de um fiacre de quatro rodas, no qual ele detalha até as ferraduras do cavalo.

De acordo com o que diz Bonfantini e Proni (2004), podemos confirmar que, em resumo, as hipóteses de Sherlock se apoiam em quatro classes: (1) códigos indiciais pertencentes a determinadas ciências experimentais como: a fisiologia, anatomia, botânica, geologia, química, etc. assuntos que são de domínio do detetive; (2) indícios pertencentes a conhecimentos desenvolvidos pelo próprio Sherlock como: saber diferenciar os tipos de cinzas de charutos, rastrear pegadas, distinguir ferraduras, dentre outros; (3) conhecimentos sobre

os hábitos do cotidiano e (4) conhecimento comum referentes à lógica das ações. O domínio desses assuntos é o seu diferencial, o qual ele utiliza como apoio para explicar o fato observado.

No decorrer do caso notamos outras ações utilizadas por ele para organizar melhor seus pensamentos, uma delas é o uso de questionamentos. Em uma ocasião Sherlock vai até a casa do policial que fazia ronda no dia em que ocorreu o crime. Essa sua atitude é uma forma de experimento que confirma ou nega as hipóteses criadas a partir daquilo que é exposto pelo policial. Outro exemplo é quando o leitor fica sabendo que Holmes enviou um telegrama a Cleveland, cidade natal de Drebber, questionando sobre sua vida matrimonial; tal questionamento é feito para testar a hipótese criada por Sherlock após ele ter encontrado um anel no local do crime, levando-o a pensar que o assassinato estaria envolvendo questões amorosas. Entendemos, portanto, que o uso de questionamento nesses exemplos serve como método de teste, experimento (indução) para que Sherlock tenha informações suficientes que confirmem suas conjecturas.

Outro artifício utilizado por ele são as comparações com casos criminais reconhecidos, ou seja, resolução por analogia, conceituada por Peirce como sendo a combinação entre abdução e indução (SEBEOK; SEBEOK, 2004). O conhecimento sobre outros crimes e suas resoluções dá uma noção de como as coisas possivelmente teriam acontecido no assassinato de Drebber devido à repetição das ações em crimes semelhantes; sendo assim, Sherlock Holmes dá muita importância ao conhecimento da história do crime, em suas minúcias, pois, segundo ele “há uma forte semelhança de família entre os delitos, e se você tem todos os detalhes de um milhar deles na ponta dos dedos, seria estranho que não conseguisse desvendar o milésimo primeiro” (DOYLE, 2009, p. 41).

Segundo Marcello Truzzi (2004, p. 75), “Sherlock vê o acesso à verdade em termos de um confronto de hipóteses”. É desta forma que ele chega ao verdadeiro assassino do Sr. Drebber. Com dois suspeitos indicados pelo investigador Lestrade e Gregson, é com a morte de um deles, – Joseph Stangerson, secretário da vítima –, que vão sendo eliminadas tais hipóteses e surgindo novos dados que o encaminham para o fim da investigação.

Nesta segunda cena do crime, local onde Joseph Stangerson é encontrado, a palavra *RACHE* é novamente escrita, agora, sobre o morto, confirmando a ideia de que ambas as mortes ocorreram por vingança a algo do passado. A comprovação de que a primeira morte tenha sido por envenenamento é intensificada com a aparição de um frasco, no quarto da segunda vítima, contendo dois comprimidos. Para comprovar sua tese sobre a causa da morte, Sherlock faz um teste com as duas pílulas, dando-as a um cachorro que logo após ingerir o segundo comprimido acaba morrendo. Devido a esta atitude podemos concordar com o pensamento de Marcello Truzzi de que:

[...] para Sherlock, sua preocupação com a verificação empírica das conjecturas é um ponto central de sua abordagem básica. A ênfase que ele dá à indução tem na base um certo temor de um descolamento conceitual do mundo 'real' dos fenômenos observáveis. (TRUZZI, 2004, p. 68).

No penúltimo capítulo do livro, os envolvidos na investigação do caso têm a oportunidade de saber como todo o processo do crime foi feito, a partir do depoimento de Jefferson Hope, cocheiro, responsável pelas duas mortes, capturado na casa de Sherlock Holmes a partir de uma armadilha feita pelo detetive. Sua fala apresenta os detalhes do crime, sanando as possíveis dúvidas de como e por que tudo ocorreu.

No capítulo final temos a conclusão. O detetive consultor expõe todo o processo lógico utilizado para a obtenção de resultados do enigma. O primeiro ponto enfatizado é o seu modo de pensar de trás para frente, dos resultados para os acontecimentos, em seguida, explica a Watson todas as etapas de seu raciocínio:

- I. A partir das marcas do estreito eixo das rodas, formulou a hipótese de que um fiacre esteve na rua, onde se localiza a casa, na noite do crime;
- II. Pegadas encontradas na trilha do jardim indicavam que dois homens haviam passado por ali primeiro;

- III. Pelo método de exclusão, analisando as feições da vítima e cheirando sua boca – que continha um hálito azedo –, deduziu que se tratava de envenenamento;
- IV. Descobriu o motivo da morte a partir da inscrição na parede e da aliança, tratava-se de vingança, devido a alguma mulher;
- V. Examinando a sala conseguiu calcular a altura do assassino; a cinza do charuto trouxera-lhe informações a mais; e o sangue encontrado no chão seria do assassino, pois fluía na direção de suas pegadas;
- VI. O envio de um telegrama à polícia de Cleveland, localidade de onde as vítimas vieram, lhe rendeu a informação de que Drebber já havia pedido proteção de lei contra um rival chamado Jefferson Hope, e de que esse mesmo Hope se encontrava na Europa;
- VII. O homem que entrou na casa junto com Drebber era o mesmo que conduziu o fiacre;
- VIII. O achado das pílulas confirmou a hipótese da morte por envenenamento.

Durante essa explicação a Watson, sobre o passo a passo de cada índice, percebemos a importância da observação, até mesmo das trivialidades, assim como dos conhecimentos que ele detém para solucionar o caso, ou seja, conhecimentos de ciências específicas, de senso comum, análises de como as pessoas reagem em determinadas situações do cotidiano, conhecimentos sobre a história do crime e conhecimentos especiais, pois é esse conjunto que permite a ele identificar as possíveis causas dos eventos. Desta forma podemos entender a importância do que Peirce chama de abdução, pois é somente por meio dela que conseguimos fazer conjecturas, imaginar hipóteses para dar respostas àquilo que vemos. Portanto, concluímos que “todo o edifício de nosso conhecimento é uma estrutura emaranhada de puras hipóteses, confirmadas e refinadas pela indução” (SEBEOK; SEBEOK, 2004, p.20), a dedução e a indução nada possuem de novo, apenas desenvolvem a hipótese criada, validando-a ou não.

Análise fílmica – um estudo em rosa

Sendo a série “Sherlock” da BBC Londres uma adaptação dos textos de Conan Doyle, encontramos em seus capítulos algumas mudanças na história exatamente por ser contextualizada ao cenário de Londres do século XXI. Devido a isto, a análise deste capítulo se torna relevante por examinar como o detetive da contemporaneidade dispõe as informações para solucionar os eventos sucedidos. Outro aspecto a ser observado são os métodos lógicos utilizados, em especial o processo abduativo, que, por possuir um caráter criativo e inovador potencializa o processo de conhecimento.

Como dito, o enredo possui alterações, e a primeira que encontramos no seriado é a presença de quatro vítimas. Tais mortes são tidas como semelhantes por serem interpretadas como suicídios e, também, pelo fato de os corpos serem localizados em ambientes estranhos à rotina dessas pessoas.

A ação de Sherlock Holmes na investigação acontece a partir da aparição da quarta vítima, uma mulher de nome Jennifer Wilson. Nesta morte, ao contrário das anteriores, é deixado um bilhete. Chegando ao local onde se encontra o corpo Sherlock se transforma como em um cão de caça, entrega-se, “na verdade, a seus poderes instintivos, não-verbais, de percepção e abdução” (SEBEOK; SEBEOK, 2004, p. 25), a fim de recolher o máximo de informações possíveis. Seu primeiro olhar é lançado para as unhas da mão esquerda da mulher, que se encontra debruçada no local. Ele observa que elas estão descascadas e conclui que o bilhete deixado no local, a palavra *rache*, foi marcada no chão pela vítima, em seus minutos finais de vida, através das unhas. A partir disso tal signo carrega uma grande importância já que foi deixado de forma pensada para a indicação de algo, pois tal esforço não seria feito sem um motivo. Após essa primeira análise, ele se dispõe a interpretar o significado daquela palavra. De imediato são criadas duas hipóteses, a primeira é a de que seria uma palavra alemã cujo significado é vingança, e a segunda, que poderia se tratar do nome de alguém – *Rache(L)* –.

Analisando a vítima ele examina os indícios que possibilitam a criação de suas hipóteses. Desta forma, temos os seguintes levantamentos:

- I. Observação das vestimentas. Por meio do tato percebe que a parte de trás de seu casaco está úmida, assim como a gola, logo, ela teria pegado chuva.
- II. O guarda-chuva da vítima está seco, levando à conclusão de que não fora utilizado, pois supostamente teria sido uma chuva com forte ventania.
- III. Verifica o estado das joias da vítima. Os brincos, cordão e pulseira estão limpos. A aliança está suja por fora. Ele analisa o provável tempo de uso do anel.
- IV. Ao remover a aliança do dedo e observar que se encontra limpa por dentro, conclui que para se manter nesse estado por tanto tempo, ela a retirava frequentemente. Devido a este pensamento, ele cria a hipótese de que ela queria ocultar que era casada para outras pessoas, portanto, teria amante(s).
- V. Ao observar o rosto da mulher, cria a hipótese de que ela seja adúltera. Tal ideia seria criada, possivelmente, pelo fato de estar bem maquiada.

A partir de conhecimentos prévios de como as coisas normalmente acontecem em determinadas situações, ele conjectura o que teria acontecido com a vítima.

Depois de levantadas suas hipóteses, por meio da observação, o detetive consultor pede a análise de seu amigo médico. Watson conclui, pelo odor da boca da vítima, que a mulher, provavelmente, teria sofrido asfixia, desmaiando e sufocando no próprio vômito. Descarta a hipótese de ter consumido álcool, e supõe uma possível convulsão, talvez por meio de drogas. A partir dessa análise a hipótese levantada pelos policiais anteriormente de que a morte ocorrera por envenenamento é confirmada.

Neste caso, as contribuições do parceiro são importantes “apenas para verificar suas hipóteses. Watson representa a garantia inquestionável de que as hipóteses de Sherlock não podem ser mais falsificadas” (ECO, 2004, p. 241), por isso, ele tem apenas a função de ratificar as conjecturas do detetive.

Para explicar aos investigadores da Scotland Yard como chegou a tais conclusões, Sherlock utiliza-se do raciocínio retrospectivo³. Reconstitui as condições pelas quais Jennifer Wilson passara antes de sua morte, comprovando seus indícios por meio de detalhes ignorados pelos demais. O modo como faz a sua reconstituição, impressionando os demais investigadores, demonstra o que Peirce nomeou de *lógica docens* “uma lógica que pode ser ensinada de modo autoconsciente e que, portanto, é um método de descoberta da verdade teoricamente desenvolvido” (SEBEOK; SEBEOK 2004, p. 49). Tal lógica é a mesma que todos nós usamos no cotidiano, só que mais desenvolvida.

Após a explicação, ele ainda lança sua última observação. Reconhecendo marcas de respingos de lama no calcanhar e panturrilha da perna direita da vítima, deduz que ela carregava uma mala de rodinhas. O interessante da cena é que não há mala no local, tendo ele a missão de encontrá-la, pois, tal objeto, contendo pertences da vítima, o levaria a mais informações sobre Jennifer que talvez ajudassem a entender a função do nome marcado no chão, – *Rache* –, e, conseqüentemente, o motivo da morte.

Apesar de afirmar ser um erro teorizar sem possuir evidências suficientes, o detetive por vezes se contradiz. Ao sair do local do crime Sherlock já possui algumas hipóteses criadas. Segundo ele, (1) houve envenenamento; (2) as mortes não foram suicídios e sim assassinatos, sendo mortes em série (*serial killer*); (3) o assassino teria dirigido até a casa, onde a última vítima fora encontrada, e se esquecera de retirar a mala do carro.

Durante a explicação desses detalhes aos investigadores Lestrade e Watson, Sherlock tem um *insight*, que para Peirce (2012) é interpretado como um instinto, intuição, que nos leva a desenvolver hipóteses bem próximas à verdade. Como a mulher está totalmente vestida de rosa, combinando até os sapatos e as unhas na mesma tonalidade, ele supõe que com a mala não seria diferente. Com esta hipótese, ele já sabe que a mala a ser procurada é de cor rosa e de proporções pequenas e, havendo o assassino percebido a falha de

³ “O raciocínio a partir de um conjunto de eventos em direção a suas conseqüências é chamado por Sherlock de raciocínio sintético, enquanto que o raciocínio retrospectivo, dos resultados para a conseqüência é chamado de raciocínio analítico” (TRUZZI, 2004, p.73).

carregar consigo tal objeto, logo arranjará um jeito de se livrar dele, para excluir qualquer suspeita.

Acompanhando toda essa sequência de reflexões, podemos concordar com a colocação de Marcello Truzzi (2004, p. 72), “a observação de Sherlock atinge não apenas os fatos e eventos observados, mas também a ausência deles”. O raciocínio de Sherlock é incrivelmente rápido, e tal façanha é bastante enfatizada no seriado. Estamos

[...] diante de um raciocinador completo cuja mente tem a capacidade de atravessar com extrema rapidez uma longa série de estágios intermediários do pensamento, seguindo todas as regras da dedução, sem que ele mesmo esteja consciente disso (HINTIKKA; HINTIKKA, 2004, p. 181).

Após conseguir encontrar a mala, o detetive sente falta do celular, elemento fundamental para qualquer pessoa na atualidade. Ele cria a hipótese de que este objeto esteja com o assassino. Descobrendo o número da vítima, manda uma mensagem para o celular, de modo a fazer acreditar que a mulher ainda estaria viva. Essa atitude confirma sua suposição, pois de imediato recebe uma ligação com número restrito, ligação esta que certamente seria do assassino. No corpo da mensagem Sherlock propõe um local para o encontro entre a dona do celular e quem quer que esteja portando-o. Neste pensamento ele acredita que o *serial killer* apareceria no lugar marcado para confirmar se sua vítima estaria realmente viva. Com esta cena, confirmamos o caráter inventivo, inovador, original que a abdução possui a fim de explicar um determinado fenômeno, desta forma, ao se colocar no lugar do assassino, Sherlock consegue criar hipóteses de como ele agiria em meio a essas circunstâncias.

Mais adiante, vemos que as suposições formuladas por Sherlock vão sendo confirmadas. As investigações policiais comprovam que o nome deixado no local do crime estava realmente associado a uma pessoa, pois Rachel era o nome da filha de Jennifer. Com essa afirmação Sherlock tenta entender a importância desse dado.

O detetive novamente tem um *insight* conseguindo associar o nome Rachel a senha do e-mail deixado na mala, desta forma, tem a possibilidade de

rastrear o celular que está sobre a posse do assassino. Vemos que ele leva em consideração aspectos do uso comum, por vezes ignorado pelos demais, faz a ligação das pistas e mais uma vez confirma a hipótese.

Ao fazer a localização do celular pelo GPS, Sherlock tem a surpresa e o fechamento do caso. O endereço aponta para a sua casa, o criminoso se encontra a sua porta. Sem que ninguém perceba tal descoberta, Holmes desce com ele e se dirige ao táxi. A associação ao táxi é feita, o *serial killer* exercia a função de taxista, suas vítimas eram os passageiros e os crimes eram cometidos sem nenhuma suspeita.

Para comprovar o modo como as pessoas morriam, o detetive assume o papel de passageiro e entra no táxi. Assim, ele comprova que as mortes ocorriam por envenenamento. O taxista possuía dois comprimidos, sendo que um continha o veneno e o outro não, as vítimas tinham a escolha entre um dos dois, ao final, ambos tomavam e apenas um morria, sendo uma questão de sorte.

Considerações finais

Nas análises feitas, foi possível observar como o detetive se utiliza da tríade dos argumentos em eventos do senso comum, apresentando o processo de raciocínio humano para a resolução de situações problemáticas da vida real. Sherlock evidencia de forma esclarecida e dinâmica todo o processo intelectual, segundo o qual nos é possível chegar a uma conclusão plausível a respeito daquilo que está ao nosso redor através de premissas, sendo essa exposição dos estágios de raciocínio e os demais recursos que ele utiliza para se chegar à solução dos crimes os fatores que chamam a atenção de seus leitores.

De acordo com Thomas Sebeok e Jean Sebeok (2004), Sherlock parece dominar aquilo que Peirce estabeleceu como *logica docens* – uma lógica mais sofisticada praticada por lógicos, cientistas, médicos e detetives – que pode ser ensinada de modo autoconsciente. Mas, para se alcançar tal nível, antes é necessário praticar a *logica utens*, que é comum a todos, utilizada no dia-a-dia para se chegar à verdade sem, neste caso, ter consciência para explicar os procedimentos de tal método. Sabendo disso, temos uma das diferenças entre

Sherlock e os demais investigadores que compõem o caso: a agilidade de raciocínio, que só é possível por meio da constante prática.

No decorrer da pesquisa, acompanhamos o quanto Holmes confirma a relevância da tríade dos argumentos no processo de investigação. Suas observações minuciosas com conclusões precisas e seus conhecimentos variados, dentre eles a história do crime, permitindo comparações entre os delitos, são métodos utilizados que confirmam o pensamento abduutivo, pois, por meio desses conhecimentos ele consegue criar hipóteses explicativas para os fatos expostos durante as narrativas. O raciocínio indutivo, também é visto nos enredos, nas testagens que Sherlock faz de suas conjecturas, como, por exemplo, a confirmação da morte das vítimas por envenenamento. Já as deduções, ocorrem quase que simultaneamente às abduções, sendo o momento em que ele constrói as consequências necessárias para mostrar que uma hipótese pode ser a resposta coerente para explicar os fenômenos.

Além disso, outro ponto importante a ser apontado é a relevância da criatividade em suas abduções. Colocando em paralelo o livro e a adaptação do seriado, notamos que este fator continua presente na formulação de hipóteses. A adaptação nos mostra que apesar das tecnologias advindas com o passar do tempo e dos novos métodos investigativos, a livre interpretação e inventividade são fatores importantes para o alcance do conhecimento e avanço científico.

Referências

BONFANTINI, M; PRONI, G. Suposição: Sim ou não? Eis a questão. In: ECO, U.; SEBEOK, T (Orgs.), *O Signo de três*. São Paulo, Ed. Perspectiva. 2014.

DOYLE, Arthur Conan. *Um estudo em vermelho*. Trad. Maria Luiza de X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ECO, Umberto. Chifres, cascos, canelas: algumas hipóteses acerca de três tipos de abdução. In: Eco, U.; Sebeok, T. (Orgs.), *O signo de três*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

HINTIKKA, Jaakko; HINTIKKA, Merrill B. Sherlock Holmes em confronto com a lógica moderna: para uma teoria da obtenção de informação através do

questionamento. In: Eco, U.; Sebeok, T. (Orgs), *O signo de três*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PEIRCE. Charles. S. *Semiótica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SANTELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. *O Método Anticartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo: Editora Unesp/Fapesp, 2004.

SEBEOK, Thomas A. SEBEOK, Jean. Você conhece meu método: Uma justaposição de Charles S. Peirce e Sherlock Holmes. In: ECO, U.; SEBEOK, T. (Orgs.) *O signo de três*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

TRUZZI, Marcello. *Sherlock Holmes: psicólogo social aplicado*. In: Eco, U.; SEBEOK, T. *O signo de três*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

UM ESTUDO EM ROSA. Direção: Paul McGuigan, Produção: Steven Moffat e Mark Gatiss. Londres e Cardiff. BBC, 2010, Netflix.

Recebido em: 15-04-2018

Aprovado em: 03-06-2019